

O homem-machina



ERNESTO MELLO examina uma sorte de «mentiras» inconscientes que se vão tornando lugares communs, nas conversas, nos jornaes e nos livros e chega á conclusão que essas «mentiras» são provenientes de uma falsa associação de ideias.

Essas associações, involuntárias, rápidas, inconscientes e inevitáveis, dirigem especialmente a imaginação, «potencia terrível que tem seus hábitos na ordem da vida e na ordem da morte».

Para esclarecer bem o seu asserto, Mello exemplifica: Se affirmamos doutrinalmente a um joven que é bello o commetter-se um crime, este não nos dará credito. Mas se lhe apresentamos em muitos melodramas, criminosos sublimes e pessoas de bem, de caracter commum o joven tomará o habito de pensar que para ser grande, é preciso ter commettido muitos crimes na vida.

Dessa classe é innegavelmente o que poderíamos chamar a mentira do utilitarismo. Antes de tudo, é preciso que explique o que seja o utilitarismo. Nascido da ideia de que a felicidade só é attingida pela simplificação extrema da vida, ella foi um resultado inesperado e com o qual toda gente vae insensivelmente se conformando. A celebre panacéa assemelha-se a certos remedios que curam um mal embora arrastem comsigo muitos outros, mais perigosos. A vida não se simplifica, comtudo, mais que aparentemente. Disso entretanto, não se quizeram convencer os Zarathrustas da nova especie de superhomens, — os homens machinas.

Ha na sala um piano que manejado por mãos habéis, emite sons extraordinariamente agradáveis a qualquer pessoa dotada de mediano senso artistico. Bem. Um dia, o dono delle resolve adquirir uma pianola que deleita da mesma maneira, e lhe dispensa a massada de estar dias inteiros, estudando musicas.

Resultado, a sua vida aparentemente simplifica-se de modo notaval. Isso explica a multidão de inventos nesse genero, que apparecem diariamente. A pouco e pouco se vão dispensando os tenores, que os grammophones vão os substituido. Em breve não será mais impossivel a machina de raciocinar, a *Ars Magua* de Raymundo Lullo, machina como só poderiam os modernos conceber, com porcas, parafusos, rodas

dentadas, caldeiras, a electricidade ou a vapor. Então não

se necessitará tambem de pintores pois existirão aparelhos que os poderão supprir perfeitamente em suas funcções e tambem serão capazes de se equiparar aos mais notaveis artistas, no genero. E' uma illusão porém o suppor-se que tudo isso vem a matar qualquer actividade possivel. Já se observou que quando a um homem falta qualquer sentido os outros tomam grande desenvolvimento. Assim, desde que a vida por

um lado se simplifica, por outro retoma uma actividade fóra de toda a expectativa. Uma pessoa que se applica a fazer duas cousas, e que repentinamente se vê sem a necessidade de fazer uma dellas, emprega a actividade que antes despendia em duas, para uma apenas, e então naturalmente com mais obstinação e vontade. Eis ahi como se explica porque a ideia de que é necessario simplificar-se a vida produziu um resultado que ninguem esperava ou queria esperar. E assim, quanto mais se lucha por simplificar-a, mais ella se torna complexa e intensa, com o consenso unanime dos que, por meios tendentes a um fim opposto a

esse, aqui chegaram insensivelmente. O mundo concebido ou não por elles, mas que sahirá infallivelmente de suas ideias é um mundo novo que nada tem a ver com o das Mil e uma Noites ou o dos contos de Perrault, nem tão pouco, com o dos contos de Pöe ou o das fabulas de Esopo. Será um mundo até hoje inconcebido, um mundo de machinas, em que o proprio homem será um objecto de machina edaptado e especializado a funcções proprias. Ninguem póde comprehender a indignação profunda de Ruskin contraos efeitos do progresso, como o homem machina de amanhã não comprehenderá as palavras sublimes de Renan: «Eleva-se acima das necessidades, é remir-se».

O homem-machina será então, apesar disso, um instrumento de segunda ordem ao lado dos aparelhos mechanicos que lhe encarem, um meio auxi-

liar de importancia secundaria; não será mais a creatura ideal, intelligente, o creador genial e criterioso.

O primeiro passo para isso, será a especialisação das actividades. E esse passo ha muito já se está dando. Em seguida tornar-se-ha o homem um ser impassivel. O homem-machina não chora porque não existe

aspiração inferior, inclinação ideal, não ha o enthusiasmo, o amor, o desejo nobre, mas tambem não ri, porquanto nada exteriormente lhe impressiona. Não ri e não chora porque é antes e acima e tudo, um impossivel. Eis o grande caracteristico do homem-machina: a impassibilidade. Leon Bloy nota com razão que o enthusiasmo, de ha muito, está está fugindo do genero humano. E é de notar-se isso, mais nos paizes anglo-saxões em que o utilitarismo vae substituindo, ha bastante tempo, o idealismo. Pompeyo Gener attribui isso ao protestantismo, e para justificar o seu asserto lembra que a Inglaterra da Renascença, anterior á Reforma era por todos chamada *The meny England*. Stwart Chamberlain diz igualmente que na antiguidade a Inglaterra gozava em todo o mundo da fama do bem estar e do «bom humor» e cita o caso de um viajante do seculo XV, que attribuia dedicarem-se os inglezes mais que os outros povos, aos prazeres intellectuaes, á sua vida menos intensa que a delles. O espirito utilitario dos anglo-saxões de hoje espalha-se actualmente por todo o mundo. O chefe de uma dessas ephemerasscolas artisticas como o futurismo, o cubismo e quejandas, chegou a dizer em seu manifesto, ha cinco annos: «Ao adampetonista, bastará para ser moderno, viver em uma cidade e possuir ao menos uma bicycleta ou uma machina a benzina para accender o cigarro.» E o adampetonista ainda não é o homem-machina, que não possui a impassibilidade idiota delle. Este nascerá como um producto expontaneo do utilitarismo porque é inconcebivel que um homem possua um ideal ao menos, para pregar o estado em que não existe ideal possivel. E o homem-machina será um homem sem ideal nobre sem intelligencia portanto, pois esta chegando a ser um factor dispensavel necessariamente se annulará. O homem fará tudo por instincto, não procurará saber a causa de nada, não raciocinará. Prevendo talvez esse estado de cousas é que escreveu Beyson as celebres palavras:

La vie deborde l'intelligence.

Fevereiro, 1921.

Sergio Buarque de Hollanda.